

EBÓ

Carlos Canarin¹

APRESENTAÇÃO DA OBRA: Este texto dramático reflete sobre o racismo religioso referente a corpos negros e as religiões de matriz africana e afro-brasileira. Nas próximas páginas, acompanhamos a história do babalorixá Joel Ventania, que é acusado injustamente pela população local de ter assassinado o filho do prefeito da cidade. Dona Carla, sua mãe, tenta provar sua inocência, ao mesmo tempo em que os moradores, motivados pelo ódio e pelo preconceito, se unem para destruir o terreiro de Joel. A narrativa é livremente inspirada no "Caso Evandro", um caso de injustiça que aconteceu em 1992 na cidade de Guaratuba, no Paraná, e que condenou sete inocentes à prisão pelo pretexto de terem assassinado um menino num "ritual de magia negra".

Palavras-chave: Dramaturgia negra; Teatro negro; Dramaturgia contemporânea; Ebó.

EBÓ

PRESENTACIÓN DE LA OBRA: Esta obra reflexiona sobre el racismo religioso en relación con los cuerpos negros y las religiones africanas y afrobrasileñas. A lo largo de unas páginas, seguimos la historia del babalorixá Joel Ventania, acusado injustamente por la población local de haber asesinado al hijo del alcalde del pueblo. Doña Carla, su madre, intenta demostrar su inocencia, mientras que los lugareños, movidos por el odio y los prejuicios, se unen para destruir el terreiro de Joel. La narración se inspira libremente en el "Caso Evandro", un caso de injusticia ocurrido en 1992 en la ciudad de Guaratuba, Paraná, que condenó a prisión a siete personas inocentes con el pretexto de que habían asesinado a un niño en un "ritual de magia negra".

Palabras clave: Dramaturgia negra; Teatro negro; Dramaturgia contemporánea; Ebó.

¹ Dramaturgo, ator, professor e pesquisador em Artes Cênicas. Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. Doutorando em Artes pela Universidade Estadual Paulista. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: carloscanarin1@gmail.com.

PERSONAGENS:

Joel Ventania, homem negro e babalorixá

Demerval Neto, tio de Pedrinho

Dona Carla, mulher negra e mãe de Joel Ventania

Salette Ferreira, mulher negra

Juiz

Apresentador

Policia

O Coro de Ouro do Mar

PRÓLOGO

*Um ebó parado no meio da esquina. Um ebó é um tipo de oferenda, um despacho, utilizado em rituais de religiões afro-brasileiras. Um ebó pode ser de limpeza, de saúde, de prosperidade, contra maus agouros, entre outras finalidades. Um ebó pode ter inhame, canjica, batata-doce, entre outros alimentos e materiais da natureza. Um ebó no Candomblé pode envolver sacrifício animal ou não. O **CORO** começa a falar.*

CORO: O QUE É AQUILO PARADO ALI NA ESQUINA? 1. controle esses olhos, não olhe muito não que é capaz de desorientar / movimente sua língua, é hora de juntar tudo o que se tem para poder lutar / organize sua cabeça, aqui as mais distintas cobras se unem para poder atacar. 2. ah eu sempre quando via aquele troço parado na esquina bem ali ó, eu tinha vontade era de chutar tudo ali sabe com violência, mas nunca fiz nada disso pelo medo mesmo de acontecer alguma coisa comigo vai saber né ninguém sabe quer dizer todo mundo sabe que se se destrói aquele negócio pode ter certeza vem coisa ruim pra sua vida. 3. ouvi dizer que aquele menino loiro sumiu, o que será que ouve hein? Da casa deles só se ouvia briga e grito na semana passada... eu sempre soube que o prefeito devia ter arrumado alguém melhor, alguém do nosso nível, mas ele acabou se casando com aquela lá. 4. minha cabeça girava, girava, girava é como se algo tivesse entrado aqui e nunca mais tivesse saído é estranho nunca aconteceu isso comigo eu comecei a passar mal ali mesmo, no meio da rua e tava um calor, um calor, assim bem quente mesmo o chão pelava, até

queimou minha pele até que vieram me acudir, mas minha cabeça girava, girava, girava.

CORO: O QUE É AQUILO PARADO ALI NA ESQUINA? 1. levante alto sua bíblia, é tempo de arrebanhar para crer / arregace as mangas, você tem uma família para proteger / confie no seu instinto, em novos tempos tudo pode nos surpreender. 2. foram aquela gente que trouxe essa religião essa seita pra cá tu vai me desculpar mas eu não acredito que isso seja religião religião pra mim é o que tá vinculado com deus né com o catolicismo o resto eu não acredito que seja religião tá na bíblia o resto eu acho que é seita que é coisa do diabo e olha eu não posso nem falar essa palavra muito alto por que se não atraí né tu deve saber mas então essa seita do demônio foi trazida pra nossa cidade por aquelas famílias que chegaram aqui no tempo do meu pai famílias que eram assim diferentes de outra cor se é que tu me entende eram negras eu nem sei se posso falar essa palavra será que pode não é porque hoje eu não sei que palavra usar pra chamar né eu vi na tv que a palavra é negra eram negras né mas se eu estiver errado tu me corrige eu não tenho muita escola mas aprendi foi na vida. 3. diferente de muitas pessoas, a minha vida sempre foi regrada. quando eu era pequena o meu pai dizia: da escola pra casa. e eu obedecia. eu não podia enfrentar ele. ele era um homem bom mas era bastante brabo. batia na minha mãe. na gente ele bateu muito também. eu não tenho mágoas. já chorei bastante. chorar é bom pra soltar tudo o que tem dentro da gente, até o que tá escondido e guardado a sete chaves. 4. o barulho das chaves aquilo me despertou daquela tontura eu saí do labirinto olhei pra cima era o entregador de cartas ele me ofereceu a mão eu segurei a mão dele era uma mão forte com uma pegada forte eu levantei e ele me entregou as minhas chaves elas caíram quando eu caí.

CORO: O QUE É AQUILO PARADO ALI NA ESQUINA? 1. afie seu punhal, nem todo monstro aqui quer se redimir / ame a si mesmo, assim existem poucas chances de alguém o trair siga em frente, temos uma nova nação para construir. 2. essa cidade a nossa cidade caiu em desgraça sem brincadeira eu falo e tô sendo sincero quando digo isso pra tu caiu em desgraça sabe ninguém quer mais colocar os pés aqui tem medo tem receio de alguma coisa que vai acontecer é que a cidade ficou bastante violenta de uns anos pra cá muita gente sendo encontrada morta gente rica inclusive e eu sempre desconfiei que tinha uma maldição aqui nessas terras desde que

começou a se cultuar essas tais de seitas esses rituais se assim eu puder chamar é começaram a começaram a chamar muita gente né e por ser uma cidade com praia do litoral né muito turista veio pra cá e encontrava essas seitas que faziam a cabeça deles né a gente sempre via é planta flores e despacho né essas coisas principalmente no fim do ano no último dia do ano né. 3. um sonho que eu tinha quando eu era criança era visitar a europa. eu acho que ainda é. eu sempre fui fascinada por aquele continente. os meus avós eram de lá. da itália. vieram pra cá em busca de condições melhores de vida. e eu sou metade europeia. me considero. ainda mais quando fica bastante frio aqui, me sinto como se estivesse lá. parece bobo eu falar assim. fico até meio constrangida. mas eu me sinto assim. em busca da minha verdadeira terra. eu sempre achei que essa terra daqui nunca foi minha. mesmo tendo nascido e sido criada aqui. 4. desde aquele dia nasceu em mim uma vontade de mudar as coisas mudar a minha casa a minha cidade a minha vida o mundo todo e eu achei que o primeiro passo seria encarar o medo abolir o medo esquecer que um dia tive medo e não ter mais medo de nada é difícil uma prática pra toda uma vida mas no momento estou tentando.

CENA 1

Joel Ventania está sentado, parece extremamente cansado. Em frente a ele estão posicionados vários microfones de emissoras de TV. Ele inicia um depoimento. Enquanto fala, flashes de câmeras cegam seus olhos. Ele bebe água periodicamente e gagueja algumas vezes.

JOEL VENTANIA: Joel. As pessoas me conhecem mais como Joel Ventania, por causa da minha religião. 42. Eu tô aqui pra assumir que. Que eu. Que eu matei o menino. O filho do prefeito. O Pedrinho. Não, eu fiz tudo sozinho: peguei o menino, era de tarde, ele tava voltando da escola, eu acho, eu disse que precisava de um favor dele, que ia dar dinheiro pra ele comprar doce depois, ele de início não quis vir comigo, mas eu insisti e ele entrou no carro, no Opala, eu queria achar uma criança e acabou sendo ele, o menino não me conhecia direito, eu tinha chegado em Ouro do Mar fazia pouco e não conhecia muita gente, eu levei o garoto pra perto da praia, dei uns

remédios, umas coisas pesadas assim pra ele dormir, ele colocou na boca, nem falou muito, nem perguntou o que era, só aceitou. Foi fácil. O jeito que eu encontrei pra ele não sentir dor foi esse, eu queria matar ele mas não queria que ninguém ouvisse, ele ia gritar muito, fazer um escarcéu se estivesse acordado, ia causar confusão, alguém podia ouvir, então eu cuidei pra que ele não estivesse acordado. Cidade pequena é um ovo, todo mundo ouve, todo mundo sabe de alguma coisa da vida de alguém, seja quem for. E eu não tinha matado gente antes e tava com medo. Eu acho que é natural. Com galinha e bode é diferente, não suja, é rápido, aprendi com meus pais. Ah... Eu matei porque tava com raiva mesmo, porque eu tava estranho, pensando só em coisa ruim, tava meio doido da cabeça naquele dia. Eu coloquei as minhas mãos assim no pescoço do menino e apertei com força até ele ficar sem ar. Aí ele morreu e eu comecei a cortar ele. Cortei igual galinha. Como que se diz? Isso, esquartejei. Um corte transversal daqui até aqui, outro que vai daqui e desce até mais ou menos nessa parte. Voltei pra casa e fiquei quieto, não contei pra ninguém, tentei ficar normal pra não chamar atenção. Aí uns dois dias depois eu fiquei sabendo que o menino era filho do prefeito. Puts, pensei né, eu sou um burro, um idiota, logo o filho do prefeito, tô ferrado! Mas como eu disse, eu não sabia que ele era quem era. Acabou sendo ele, ele tava no meu caminho na hora errada, o coitado. Não, na minha religião não existe sacrifício humano, só animal, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Alguidar? O meu alguidar? Aquilo é sangue de bicho. Fica incrustado daquele jeito mesmo, é difícil de sair. Água não limpa tudo. O ebó? Foi um dia antes, mas era de Egun, pra afastar coisas ruins, quem pediu foi uma senhora. Não tem nada a ver uma coisa com outra, no Candomblé não se faz isso. É, eu fiz isso sozinho, deu na telha e eu fiz. Fiz por fazer.

CENA 2

À direita, o Apresentador; à esquerda, Demerval Neto, que está sentado numa bancada, aparentemente tranquilo. Ele tem em suas mãos vários documentos e fotografias. Ele está num estúdio de TV, e em sua frente estão posicionadas algumas câmeras. Ele participa de um programa no estilo talk show.

APRESENTADOR: O caso do Bruxo de Ouro do Mar vem ganhando muita repercussão em todo o nosso país. Para falar mais sobre o caso, é com prazer que recebemos hoje no nosso programa o senhor Demerval Ferreira da Silva Neto, o tio do menino assassinado pelo Bruxo, que ajudou a desvendar o caso e a prender o assassino.

DEMerval NETO: É um prazer poder estar aqui, muito obrigado.

APRESENTADOR: Obrigado por ter aceitado o nosso convite, sr. Demerval. Você poderia nos contar como foi essa investigação da qual você fez parte e como vocês chegaram até o tal Bruxo?

DEMerval NETO: Primeiramente eu gostaria de saudar a todos os presentes com um boa noite e agradecer pelo espaço concedido gentilmente. Estou aqui em nome da família Ferreira, bem como em nome do meu irmão Josué, prefeito de Ouro do Mar, que ainda está bastante traumatizado com toda essa tragédia e seus desdobramentos que todos nós estamos acompanhando.

APRESENTADOR: Gostaria de mandar um forte abraço ao prefeito Josué. Não posso imaginar a dor que ele está sentindo...

DEMerval NETO: Nenhum de nós pode... A nossa cidade é pequena, uma cidade litorânea fabulosa, sou suspeito para falar já que nasci lá. O Bruxo, a quem chamam pelo esdrúxulo codinome de Joel Ventania, foi pra nossa cidade em busca de uma vida melhor, e acabou trazendo junto a tal da religião dele.

APRESENTADOR: Então quer dizer que o Candomblé não existia na cidade antes de ele aparecer lá?

DEMerval NETO: Claro que não! Foi ele quem levou isso pra lá. Todo mundo sabe: nossa cidade sempre foi terrivelmente evangélica! O tal do Joel Ventania começou a jogar búzios aos domingos pras pessoas ali na feirinha central.

APRESENTADOR: Búzios são aquelas conchinhas que revelam o futuro?

DEMerval NETO: Exatamente. Todo mundo começou a se interessar, jogo de sorte, de azar, isso atrai as pessoas, vicia. A vida às vezes é muito difícil, e as pessoas tentam se apegar naquilo que parece ser confiável. Até o meu irmão já foi se consultar com o tal Joel, mesmo sendo um evangélico fervoroso como eu. Já eu não, ficava observando de longe a situação. Eu já tinha um pé atrás com o cara, pra mim ele não passava de um charlatão que só queria enriquecer com essas coisas profanas. Isso tumultuou a cidade, ele até abriu um espaço lá pra eles fazerem os rituais deles.

APRESENTADOR: Pelo que eu sei o nome disso é terreiro.

DEMerval NETO: Eles foram lá, fizeram esse tal de terreiro, que eu sempre desconfiei se tratar de bruxaria. Coisa de deus não era. E foi crescendo né, como erva daninha que nasce rápido e pra arrancar sem deixar a raiz é difícil.

APRESENTADOR: E então, como foi que aconteceu o assassinato do seu sobrinho, Pedrinho? E por quê o tal do Bruxo resolveu fazer isso? A mando de quem?

DEMerval NETO: Pedrinho sumiu no dia 7, quinta-feira, quando estava voltando da escola. Mas a gente só começou a pensar que era sequestro à noite, porque como todo mundo sabe era comum do Pedrinho ficar jogando bola até tarde com os amiguinhos dele ali no campinho. Foi uma agonia, a gente acionou a polícia, o Josué ficou desesperado, com medo. E daí, quando eu tava voltando pra casa depois de horas e horas que passamos na casa do meu irmão à espera de notícias, eu notei que na esquina perto de onde ficava a casa tinha uma oferenda. Digo, um despacho lá, com comida, doces, velas, coisas de criança assim, uns bonecos, tudo com cores vivas.

APRESENTADOR: Que interessante, digo, assustador.

DEMerval NETO: Dizem que o nome disso é ebó. Pelo nome a gente já pensa que é coisa ruim né, que é coisa feita pro mal mesmo. Eu me aproximei daquele negócio

e chutei, destruí tudo aquilo, com medo de que mais alguma coisa pudesse acontecer. Depois disso, eu fiquei pensando comigo mesmo... Queria saber o motivo daquilo estar ali, do porque aquilo com coisas de criança ter aparecido no mesmo dia em que o Pedrinho desapareceu. Achei estranho, era muita coincidência. E ninguém naquela rua frequentava aquela religião do bruxo, todo mundo lá até hoje é evangélico ferrenho.

APRESENTADOR: E o que o senhor fez?

DEMerval NETO: Comecei a investigar, a levantar algumas provas, até que o Pedrinho foi achado naquelas condições horríveis. Morto, quase irreconhecível. E pelo corpo estar sem alguns órgãos quando foi achado, pra mim ficou claro: alguém tinha raptado o menino e matado ele pra usar sangue e outras coisas, no intuito de fazer um ritual. Era coisa de magia negra e nada me tira isso da cabeça. Todo mundo sabe que esses batuques sempre querem dizer outra coisa. E esse alguém só podia ser o tal do Joel.

APRESENTADOR: E pelas suas pesquisas, quais outros significados teria isso com a morte de seu sobrinho? Você poderia comentar um pouco mais sobre isso conosco?

DEMerval NETO: Ah, todo mundo sabe, o bruxo fez um ritual com o corpo do menino pra Exú. Exú, pros ouvintes que não sabem, equivale ao diabo na nossa santa igreja, entendeu? Foi uma coisa pensada! Ele disse na confissão pra tv que não tinha nada a ver, que encontrou o menino por acaso... isso é mentira! E tanto o que estou falando é verdade que 7 é o número do tal do Exú, do demônio. O Pedrinho tinha 7 anos, ia fazer 8.

APRESENTADOR: Que interessante, digo, que macabro toda essa fixação com o número 7... E demoraram quantos dias para que a polícia conseguisse chegar até ele enquanto autor do assassinato?

DEMerval NETO: Eu falei das minhas suspeitas pros policiais que vieram da capital. Uma semana depois foram na casa do bruxo e levaram ele pra delegacia, pra

interrogar ele. No começo ele até tentou negar, mas como aqueles caras da capital são muito experientes e competentes, o Joel Ventania acabou confessando tudo. Disse que tinha matado pra usar na religião dele né. Que tinha escolhido o menino por ser loiro e de olhos azuis e que isso era sinal de pureza. O ritual teria sido feito para atrair dinheiro. Foi por isso que tudo aconteceu, essa carnificina.

APRESENTADOR: E para você sr. Demerval, qual seria a medida possível a ser tomada para punir o bruxo?

DEMerval NETO: Eu vou ser sincero aqui com vocês e não tenho medo nenhum de dizer isso: por mim deviam colocar ele em praça pública, amarrado num poste ou até numa estaca como faziam com as bruxas na Idade Média, e deixar o povo fazer o que quisesse. O povo está com raiva. E nesse caso a morte seria uma coisa justa. Uma morte lenta, rápida, por partes, seja como for. É uma reparação. Só isso pra amenizar todo o sofrimento que esse caso tá causando pra nossa família.

APRESENTADOR: Uma última pergunta: é possível dizer que todos os frequentadores do tal terreiro estão envolvidos com a prática desses sacrifícios? Que todos fazem coisas por pura maldade?

DEMerval NETO: Eu não posso dizer com certeza. Mas pra mim está claro e posso dizer que pra cidade toda também: aquilo é coisa ruim, um lugar pra prática do mal. É magia negra. É coisa do diabo, satânica. Que humanidade tem essa gente que mata criança? Que mata um menino que tinha tanto pra viver, que tinha sonhos, que era sorridente e não fazia nada de ruim pra ninguém. O meu irmão como prefeito já ajudou tanta gente na cidade e isso foi acontecer, sabe. É uma punhalada pelas costas. E tudo isso que eu tô falando tanto é verdade que depois que o tal do Joel confessou que cometeu o crime aquele terreiro já foi apedrejado umas três vezes, tentaram até por fogo pra destruir tudo de uma vez. E sabe, eu não julgo quem fez isso. Se não podemos fazer isso legalmente e expulsar toda essa gente que crê em coisas que não são de deus, pois que façamos com as nossas próprias mãos. É o que deus gostaria que a gente fizesse.

APRESENTADOR: Muito obrigado pela sua presença hoje aqui, sr. Demerval Neto.

DEMerval NETO: Eu que agradeço novamente em nome da família. Gostaria por último de dizer, de convocar todos os ouvintes, para que se juntem à batalha contra os bruxos de Ouro do Mar. Chega de tanta maldade e impunidade no nosso país!

APRESENTADOR: E agora, vamos para o intervalo e já já voltamos!

A transmissão do programa para. O Apresentador e Demerval Neto se cumprimentam.

CENA 3

Casa dos Ferreira em Ouro do Mar. À direita está Salette, a mãe de Pedrinho, ajoelhada na sala de sua casa fazendo uma oração. O rádio está ligado na cozinha e as notícias do julgamento de Joel Ventania podem ser ouvidas. Batidas na porta. Salette atende a porta e se depara com uma senhora que ela não reconhece num primeiro momento. Se trata de Dona Carla, a mãe de Joel Ventania, que está à esquerda. As duas mães ficam olhando uma para a outra por um longo tempo.

SALETTE: Não quero comprar nada. Muito obrigada, mas pode voltar outra hora.

DONA CARLA: Dona Salette, eu sou a mãe de Joel. E eu sei que a senhora é a mãe do menino que encontraram morto.

SALETTE: Me desculpe, senhora. Mas não quero falar sobre esse assunto. Passar bem.

DONA CARLA: Escute, dona. Por favor. Eu vim andando sozinha, estou cansada. Minhas pernas doem mas quero, quero não, preciso falar. Por favor, não vim aqui para discutir nem para fazer sua cabeça. Peço apenas que me ouça, quero apenas conversar. De mãe para mãe.

SALETTE: Eu não quero saber, senhora. Eu não quero ouvir. Nada que saia da sua boca pode ajudar seu filho. A justiça será feita no julgamento dele. Não precisamos passar por isso, por favor.

DONA CARLA: Não vim aqui na tentativa de mudar o destino de meu filho. Mas sim para tentarmos enxergarmos juntas tudo o que está acontecendo. Eu sinceramente acho que a senhora quer descobrir a verdade sobre a morte de seu menino. E eu também. Eu vim aqui pra tentar construir uma história de verdade, tanto para o meu filho, quanto para o seu. Por favor, dona Salette. Façamos isso uma pela outra, sim?

Salette segura a porta, pensativa. Um longo tempo passa novamente. Salette abre a porta completamente, permitindo a entrada de Dona Carla. A senhora entra com dificuldade e senta-se num local indicado pela esposa do prefeito. A mãe de Joel logo nota uma fotografia de Pedrinho na mesinha de centro.

DONA CARLA: O que a fez mudar de ideia?

SALETTE: O fato de você ser a mãe do bruxo. Desculpe. Do Joel. Eu o conheci jogando búzios aos domingos de manhã, ele parecia ser uma boa pessoa. Foi por isso. E também porque ainda tenho algumas dúvidas sobre tudo o que aconteceu, assim como a senhora. A morte do meu filho é algo que eu nunca vou conseguir superar. Isso vai me acompanhar pra sempre. Ele era uma criança cheia de vida, cheia de vontades. Nada vai trazê-lo de volta, eu sei. Mas eu quero saber o que realmente aconteceu, eu tenho esse direito como mãe.

DONA CARLA: O que a senhora tá passando eu não consigo nem imaginar. Já perdi filho, mas o que eu perdi foi antes de nascer. Virou anjo, como falava minha mãe. Naquela época a gente não tinha muita condição de cuidar nem da gente, imagina ter uma criança... mas eu acabei engravidando. A gente não tinha quase nada pra comer, só farinha com água. A gente trabalhava, mas o dinheiro ia rápido, sumia assim como o vento. Meu falecido pai bebia demais, aí a senhora consegue imaginar como era né. A bebida leva o dinheiro e traz a violência pra dentro das pessoas.

SALETTE: Também venho de família humilde. Tudo mudou quando eu conheci o Josué. A família dele sempre teve posses, condições... E eu nunca tive muita coisa. E mesmo assim nós nos apaixonamos e ele quis casar comigo, mesmo com a família dele fazendo pressão para que ele arranjasse uma noiva da mesma condição social que ele.

Dona Carla descobre um retrato de Pedrinho na mesinha de centro.

DONA CARLA: Esse era o seu filho, não era? Posso ver?

Salette assente. Dona Carla pega o retrato.

SALETTE: Nesse dia, fizemos um passeio no zoológico da capital. O Pedro gostava muito desses bichos, não parava quieto.

DONA CARLA: Eu sinto muito, dona Salette. Sinto mesmo. A senhora e sua família não mereciam passar por isso.

Batidas na porta. Antes que Salette possa abri-la, Demerval entra na casa. Ele não percebe a presença de Dona Carla de imediato e se posiciona ao centro.

DEMerval NETO: Salette, tava passando aqui por perto e vim tomar um copo d'água... Que merda é essa? O que tá acontecendo aqui? Quem deixou essa bruxa entrar? Você não sabe de quem é essa casa? Que porra é essa?

SALETTE: Demerval, escute, ela veio apenas conversar comigo. Não há necessidade de tratá-la dessa maneira. Ela não tem culpa alguma pelo o que aconteceu.

DEMerval NETO: O quê? A bruxa conseguiu entrar na sua cabeça, Salette? Fora daqui ser maligno! Eu te expulso da casa de meu irmão! Volte para o lugar de onde saiu. Quer saber? Vá logo para o inferno que é o seu lugar por direito! A sua família já fez mal suficiente para a minha. Saia daqui antes que eu não responda mais por mim e acabe com a sua raça de uma vez por todas.

SALETTE: Demerval, pare! Por favor! Você está perdendo a razão! Ela é apenas uma senhora!

O pastor agarra Dona Carla e a leva com violência em direção à porta da Casa dos Ferreira. Antes que ele possa empurrá-la para fora, Dona Carla segura a mão de Demerval com força, fazendo com que ele pare.

DONA CARLA: Eu me vou, não por seus insultos e sua violência, mas pela minha certeza de que a justiça será feita. Passar bem, dona Salette.

Dona Carla solta a mão de Demerval, que cai no chão atordoado. A senhora vai embora, mesmo com certa dificuldade para andar.

DEMERVAL NETO: Sua louca! Bruxa! Você será a próxima depois de seu filho. Família de monstros!

SALETTE: Você não precisava ter agido dessa forma. Eu e ela estávamos apenas conversando.

DEMERVAL NETO: Salette, pare. Suas ações estão sempre equivocadas, dando margem e abertura pro diabo entrar pelas frestas da nossa família. Lembre o que aconteceu com seu filho, lembre! E agora me diga: deixar essa mulher entrar em nossa casa foi mesmo uma boa ação? Não posso sequer imaginar o que Josué fará quando souber disso. E se algum de nós aparece morto? Envenenado? Já pensou no que essa bruxa pode fazer? Eles têm o poder das palavras, enfeitiçam qualquer um, até o mais crente!

SALETTE: Você está começando a exagerar, a imaginar coisas. Não acredito que aquela senhora seja um ser tão maligno como está dizendo. Ela não tem culpa de nada do que aconteceu. Isso não entra na minha cabeça, entende?

DEMERVAL NETO: Cale sua boca, sua imunda. Dobre sua língua antes de falar comigo. Depois de tudo o que fiz em nome da nossa família, depois de tudo o que falei

para conseguirmos justiça pela morte de seu filho... É assim que você me agradece? Pondo em cheque minhas palavras? Minhas crenças?

SALETTE: Me desculpe, por favor. Eu não estou dizendo isso, não estou. Eu sei o que fez e está fazendo. E por isso te agradeço, mas não tinha necessidade de tratar aquela senhora de forma tão violenta.

DEMerval NETO: Mais uma vez vejo que foi um erro do Josué ter se casado contigo. Não soube sequer cuidar de um filho, não sabe cuidar da casa e nem de si mesma. E isso que eu aconselhei ele e foi mais de uma vez. Olha só, essa casa toda bagunçada, cheia de pó. Que decadência. Você não merece a minha ajuda, Salette. Você nunca mereceu nada da minha família. Estamos imersos nessa sujeirada hoje unicamente por sua causa.

Demerval sai violentamente da casa, batendo a porta. Salette segura uma outra fotografia onde estão ela, Josué e Pedrinho e começa a chorar. Instantes depois, ela volta a ajoelhar-se para continuar a rezar.

CENA 4

Devaneio. É passado. Joel Ventania está em pé em meio às árvores e matos cheios. Ele segura em seus braços o que parecem ser roupas de criança. As roupas estão sujas e empapadas de sangue. Ele tenta descobrir onde está e se alguém está por perto. Joel tropeça numa pequena bíblia que também está suja de sangue. Ao abrir a bíblia, a terra abaixo dele se abre, fazendo com que ele caia num grande mar leitoso. Joel volta para o mundo real e percebe que está sendo afogado por alguém. Ele se desespera e se debate, sendo solto em seguida.

POLICIAL: Nossa! Até que dessa vez você aguentou bastante dessa vez, pai de santo. Pensei até que cê tava morto já. Ainda bem que não. Isso ia dificultar as coisas pra gente... Mas é bom saber que você aguenta bem mais que isso. Posso ser bem mais enfático da próxima vez caso eu precise.

JOEL VENTANIA: Socorro! Alguém! Ele vai me matar! Socorro! Socorro!

O policial dá socos no rosto de Joel Ventania, que cospe sangue. Ele está todo machucado e sujo, como se estivesse passado horas e horas sendo torturado. O policial segura um gravador em suas mãos.

POLICIAL: Cala essa boca, otário. Ninguém vai te ouvir, todos esses seus gritos são inúteis aqui dentro. Cê acha mesmo que alguém vai te salvar?

JOEL VENTANIA: Eu não vou morrer assim. Alguém vai me achar.

POLICIAL: As pessoas têm medo de você. Medo de como você é, do que você acredita. Pode fazer o que quiser, pode espremer à vontade. A gente tem todo o tempo do mundo pra fazer você se lembrar do que fez. Anda, põe esse seu cérebro pra funcionar.

JOEL VENTANIA: Eu não fiz nada, do que você tá falando? Eu nunca roubei nada, nunca matei ninguém. Eu sou um homem direito, as pessoas confiam em mim. Por favor amigo, eu te peço, me solta daqui, me deixa ir embora. Eu prometo que não falo pra ninguém o que aconteceu aqui, eu juro que esqueço. Ninguém vai saber de nada. Eu só não quero problema pro meu lado. Só me deixa ir embora, por favor.

POLICIAL: Para de mentir, seu “pai de santo”. De santo você não tem nada! Bruxo! Monstro! Foi você quem matou a criança. Matou o filho do prefeito. Ouve bem: você matou ele e tirou os órgãos dele pra fazer ritual. Entendeu? Você fez isso. Não adianta negar, a gente tem provas. A gente tem testemunha. Não tem outro jeito, entendeu? Ou você confessa ou a gente vai acabar te matando. E a gente aqui é profissional, a gente foi treinado pra isso, entendeu? Ou fala, ou confessa logo, ou morre igual o menino. Despedaçado e jogado numa mata qualquer.

JOEL VENTANIA: Confessar? Eu nem conhecia aquele menino! Não tenho nada a ver com a morte dele.

O policial dá mais socos e pontapés em Joel Ventania.

POLICIAL: Continua mentindo, vai. Pode continuar. Eu vou fazer você confessar, ou pelo menos contar tudo o que a gente quer ouvir, entendeu? Você tá fudido na nossa mão, porra! Entenda de uma vez por todas. Ou vai querer que a gente dê uma brincadeira com a velha da sua mãe também? Imagina só, a gente vai lá e captura aquela bruxa horrenda pra proteger as criancinhas. É isso o que você quer?

JOEL VENTANIA: Não, deixa a minha mãe fora disso. Ela já tá com idade, vocês vão matar ela.

POLICIAL: Então deixa de ser burro, pai de santo. Fala o que a gente quer ouvir, fala! Aí a gente te deixa livre. É certo: você vai ter que cumprir uma pena, ser julgado e tal. Mas isso passa rápido. Cê deve estar acostumado a ser tratado mal, a ser mal visto pelas pessoas... Não é nada de novo, né?

JOEL VENTANIA: E o que vocês ganham com isso? Quem mandou vocês fazerem isso comigo?

POLICIAL: Cala essa boca. Aqui só eu faço as perguntas. Mas já que quer saber: as pessoas precisam acreditar numa coisa que faça sentido, entendeu? Você sabe que a cidade já tinha um certo medo de você, uma curiosidade maligna. A criança apareceu morta, a gente tem que dar uma resposta à sociedade. Uma boa história para que eles consigam acreditar. Um inimigo para torcer contra.

JOEL VENTANIA: Vocês estão brincando de deus e isso não tem como acabar bem. O tempo pode passar, as coisas podem acontecer da maneira como vocês, ratos, querem. Mas a verdade vai vir à tona, não adianta. Ninguém pode fugir disso, nem mesmo vocês. Mesmo que nada aconteça para vingar toda essa podridão que já se instalou nesta cidade e nas pessoas que vivem nela. Eu sempre serei eu mesmo, sempre vou acreditar naquilo que me fez forte e me trouxe até aqui. Mesmo que pra isso, pra salvar a vida da minha mãe, eu precise me tornar nesse monstro. Vocês

estão brincando de deus e isso não tem como acabar bem, de jeito nenhum. Escute bem o que eu estou falando.

POLICIAL: Ah que medo! Chega de papo, pai de santo tagarela. Tente economizar essa sua saliva venenosa. Você vai precisar usá-la muitas vezes ainda hoje. Só pra ter certeza de que você entendeu bem qual é a ideia, vamos brincar mais algumas vezes. Desejo boa sorte a você. E tente permanecer vivo.

A sessão de tortura continua, dessa vez com choques elétricos misturados com água. Joel Ventania luta para sobreviver, ao mesmo tempo em que o policial se diverte ao usar tamanha violência contra o homem.

CENA 5

É dia. O terreiro está silencioso. Dona Carla escolhe algumas plantas e prepara uma fogueira no espaço externo. Após acender a fogueira, ela leva uma bacia cheia de água para perto do fogo, joga as plantas escolhidas dentro da bacia e ajoelha-se em frente. Ela retira de seu bolso uma fotografia de Pedrinho e mergulha dentro d'água.

DONA CARLA: Eparrey Oyá! Eparrey! Minha mãe Iansã, aqui está o menino. É esse menino que morreu. A gente de lá tá acusando meu filho Joel de ter matado brutalmente essa criança. Me revela minha mãe, me revela o que aconteceu com esse garoto, o que foi que aconteceu mesmo com ele. Eu preciso ajudar meu filho, mas pra isso preciso saber o que aconteceu. Me ajuda minha mãe, me ajuda!

Dona Carla inicia um Ponto de Iansã. Ela toca o atabaque e dança para saudar a orixá sua mãe. Iansã e Dona Carla tornam-se apenas uma única mulher em movimento. O atabaque segue o ritmo. As folhas das árvores agitam-se, os ventos brincam seus assobios. É noite. Dona Carla abre os olhos. Ela está dentro de um mato cheio e encontra dificuldade para se locomover em meio a tantos galhos e plantas altas. Um barulho faz com que ela pare e se esconda para que não seja vista. Um homem carrega um grande saco de lixo em suas costas e parece escolher o melhor lugar para depositar o que traz consigo. O homem deixa cair de seu bolso um pequeno livro. Após

analisar o local, ele despeja o conteúdo do saco de lixo pelo mato, tomando cuidado para não tocar em nada. Após montar a cena, o homem desaparece na mata. Dona Carla sai de seu esconderijo e se aproxima do corpo sem vida do menino. Ela leva suas mãos à boca, tamanho é o seu horror. A senhora descobre o pequeno livro que o homem deixou para trás e o levanta, folheando algumas páginas. Um nome está escrito. Dona Carla cai de joelhos e tudo fica escuro. Silêncio e escuridão. É dia. Dona Carla abre os olhos. Está novamente no terreiro. Ela tira de seu bolso uma foto de Joel Ventania, e o beija chorando. O silêncio é quebrado quando pedras são jogadas contra a porta do terreiro, fazendo Dona Carla assustar-se. Ela recolhe-se para dentro do lugar, enquanto outras pedras e xingamentos que vêm do lado de fora podem ser ouvidos. Corrêa Machado, à direita, bate palmas e chama por ela. Ela caminha até a porta, a abre e faz um sinal como se permitisse ele entrar no lugar. O homem examina o local e toma o máximo de cuidado para não encostar em nada.

POLICIAL: Bom dia, senhora. Eu sou o..

DONA CARLA: Eu sei quem tu é. Eu te vi na televisão. Tu é o um dos caras que tão cuidando do caso meu filho.

POLICIAL: Pois bem, vejo que está bem informada. Vim até aqui para conversar justamente a respeito do seu filho e do crime que ele cometeu.

DONA CARLA: Se for pra tentar descobrir alguma coisa contra ele, vai perder tempo. Não tem nada para descobrir. Meu filho é inocente e uma boa pessoa. Ele nunca seria capaz de machucar alguém.

POLICIAL: Como a senhora pode ter tanta certeza?

DONA CARLA: Eu sou mãe, eu sou mulher e eu sou negra. Sou três coisas que duvido muito que o senhor saiba o que seja. Conheço toda a melanina que colore o corpo de Joel. Conheço meu filho do primeiro fio de cabelo crespo até o último dedo do pé que dói toda vez que ele caminha. Ele começou a ter isso depois de ir e voltar todo dia do trabalho. Andava mais de cinco quilômetros pra ir e cinco pra voltar.

Somando tudo dá dez. A gente não tinha dinheiro nem pra ele pegar uma condução. Mas mesmo assim meu filho nunca desistiu do que queria, sabia que tinha que trabalhar e estudar pra ser um homem direito. Por isso estou dizendo a você, seu Machado, que meu filho é inocente. Meu coração nunca erra e minha mãe lansã também não.

POLICIAL: lansã... bom, eu me sensibilizo bastante com seu relato. Mas se a senhora me permite, gostaria de saber onde a senhora estava no dia 7 de maio deste ano e o que estava fazendo.

DONA CARLA: Eu tava aqui no nosso terreiro. Aqui é o único lugar seguro que nos resta, mesmo com as pedras que jogam aqui todo santo dia... O senhor tá sabendo disso? Que já tentaram invadir aqui? Que todo dia as pedras voam pra cá? Que falam coisas terríveis pra gente? Sabia?

POLICIAL: Não, eu não estava sabendo disso. A população realmente está uma fera...

DONA CARLA: E posso saber o que o prefeito vai fazer em relação a esse problema?

POLICIAL: Mas o que ele pode fazer, senhora? Apelar? Não sei se fará alguma diferença...

DONA CARLA: Então é isso?! Agora essa gente que leva a bíblia debaixo do braço pode fazer o que quer? Pode vir aqui esculhambar a gente, amaldiçoar nossas vidas, que tá tudo bem?

POLICIAL: Senhora, o seu filho matou aquela criança. E como se não bastasse, tirou órgãos, fez horrores com o guri. É meio que justo acontecer isso. Digo, é o jeito que eles estão encontrando pra lidar com o luto.

DONA CARLA: O senhor quer falar de justiça? Ê, deixa Xangô quieto no canto dele. Não brinca com isso não, senhor. Deixa quieto. É perigoso. Sabe que eu nunca vi a

tal cara dessa justiça... Pra mim nunca apareceu. Ela deve gostar só de gente rica e branca, só pode. Sabia que o pai do Joel foi morto por gente que garimpava lá nas Minas? E ninguém nunca fez nada a respeito. Nada. Nenhuma resposta. Até hoje tô esperando a tal da justiça. Só não me falaram que tinha que esperar sentada.

POLICIAL: Senhora, o seu filho matou aquela criança. Ninguém duvida disso. E como se não bastasse, tirou órgãos, fez horrores com o guri. Entende? É meio que justo acontecer isso, essa mobilização. Digo, é o jeito que eles estão encontrando pra lidar com o luto. É compreensível, não acha?

DONA CARLA: Pois pra mim não é nada compreensível. É horrível. Nem eu nem meu filho somos bruxos como andam falando. O que a gente faz aqui é só coisa boa. Só coisa pra atrair saúde, paz, condições dignas de vida. Nunca, escute bem, nunca é pra atrair o mal. Os orixás não gostam disso. Não gostam de quem mente, de quem manipula, de que faz o mal pra sair por cima, entendeu?

POLICIAL: O tio do menino disse que o ritual foi feito para atrair dinheiro. Isso é verdade? Existe algo assim nessa sua religião?

DONA CARLA: Que bobagem! Esse seu Demerval só pensa nele. Ele acha que a gente é idiota?

POLICIAL: Senhora, não desvie do assunto. Assim você só dificulta as coisas.

DONA CARLA: Ele começou a incomodar, a perseguir o Joel e o nosso terreiro assim que o meu filho disse que ia se candidatar pra prefeitura. Pensa nisso seu delegado. Um preto prefeito dessa cidade. Já pensou? E olha que ele tava tendo um apoio forte pra candidatura. Antes vinha muita gente pra cá, muita gente que parou de acreditar no pastor e tava encontrando aqui um lugar de acolhida. E isso deu medo no seu Demerval, já que ele também ia se candidatar. Coisa de política é sempre assim, um sempre quer dar rasteira no outro.

POLICIAL: A senhora já está começando a falar coisas sem sentido. O seu Demerval nunca iria se candidatar. Todo mundo sabe que a única missão dele aqui nessa Terra é com a igreja.

DONA CARLA: Você que se engana, seu Machado. Ele, o seu Demerval Neto, é a pessoa mais traiçoeira que eu já conheci nessa cidade. A família dele até que é boa, mas ele sempre foi metido, sempre se achou o maioral.

POLICIAL: Cuidado com o que fala, a cidade tem ouvidos em todos os lugares.

DONA CARLA: Não estou nem aí. O que mais podem me tirar? A vida?

POLICIAL: Nunca se sabe o que esperar das pessoas.

DONA CARLA: Joel era a minha única companhia. Não me resta quase nada. Maldita hora que eu fui pedir pro meu filho vir morar pra cá. Eu acreditei que o litoral ia ser um lugar melhor. O mar purifica, mas também destrói. Essa cidade tá crescendo e tem muita gente ruim querendo se aproveitar. Maldita hora que eu disse pra ele vir morar comigo.

POLICIAL: Bom senhora, eu já vi que a senhora não vai colaborar com o que eu quero saber. Caso a senhora queira falar alguma coisa que ajude nas minhas investigações basta me procurar na delegacia central.

DONA CARLA: Tudo o que eu tinha pra dizer eu já disse, seu delegado. Não consigo entender o que mais posso dizer se a sua cabeça já está formada. Eu torço para que vocês sejam realmente justos nesta investigação, que não caiam em histórias sem pé nem cabeça. E que também encontrem o verdadeiro assassino daquele menino.

O Policial vai embora rapidamente. Mais pedras são jogadas contra o terreiro, fazendo com que a conversa seja interrompida. Num estrondo explosivo, o portão do lugar é arrombado. Demerval Neto entra no lugar sozinho, munido de sua bíblia e do Coro de Ouro do Mar. Fora do terreiro, algumas pessoas seguram tochas, potes de água benta

e crucifixos, bradando palavras de ordem e xingamentos diretos contra Dona Carla e Joel Ventania.

DEMerval NETO: A quanto esperei por esse momento... Chegou a hora do nosso acerto de contas, bruxa!

DONA CARLA: Vá embora daqui, peste. Saia já. Sua presença não é digna de estar nesse espaço sagrado. Ande, não quero confusão. Você já produziu demasiado caos nessa cidade.

DEMerval NETO: Quer dizer que a senhora pode entrar na casa da minha família, jogar seu veneno em minha querida cunhada e acha que vai sair ilesa? Sinceramente, senhora... Não seja burra, pelo menos não mais do que já foi até agora. Você não sabe com quem está lidando?

DONA CARLA: Eu só estou tentando descobrir a verdade, seu Demerval. E eu vou descobrir. Estou descobrindo. Estou vendo tudo. Meu filho é inocente. É inocente! Eu sempre estive certa. Essa morte foi armada pra que ele fosse culpado!

DEMerval NETO: Devo rir? É piada? Está provado! Todo mundo sabe, toda a cidade sabe que seu filho é a personificação do mal. O mal que estamos tentando lutar contra e expulsar de uma vez das nossas terras.

DONA CARLA: Xangô fará justiça na frente de toda essa cidade. O sangue vai encharcar as ruas até se misturar com a água salgada do mar. Só assim para que tudo seja colocado no lugar, para que a vida possa renascer.

DEMerval NETO: Chega de macumbaria, de feitiçaria! Eu vou destruir tudo isso. Nós, filhos do verdadeiro deus, vamos finalmente expurgar os descendentes de Canaã dessa terra!

DONA CARLA: A coisa mais importante a ser expurgada é essa sua boca cheia de palavras sujas. A palavra do seu senhor é manipulada para sentenciar inocentes... como você pode ser capaz de tudo isso?

DEMerval NETO: Estou farto da sua voz velha, raquítica, demoníaca. Deus, me dê forças para arrancar esse mal pela raiz.

Demerval Neto tira uma pistola de sua cintura e mira na direção de Dona Carla. A senhora tenta correr para dentro da casa e o homem corre atrás dela. Sem perceber, Demerval é atingido nas costas por um pé-de-cabra. O corpo dele cai no chão, desacordado. A pessoa que atingiu o homem levanta o pé-de-cabra mais vezes, ferindo o corpo do pastor de diferentes formas, tirando-lhe, finalmente, a vida.

CENA 6

Tribunal. O dia do julgamento de Joel Ventania. Todos estão presentes: os principais personagens, a imprensa e a população como um todo. Joel já está sentado no lugar do réu e parece estar extremamente cansado. O juiz inicia os trabalhos.

JUIZ: Sem muitas delongas, vamos dar início ao julgamento do réu Joel Reginaldo do Santos, mais conhecido como Joel Ventania, acusado pelo homicídio triplamente qualificado do menor Pedro Vicentino Ferreira, filho primogênito do prefeito de Ouro do Mar. Joel, você pode me confirmar se da última vez que conversamos, ainda na semana passada, você mencionou a mim que havia sido alvo de tortura pelos policiais que o prenderam?

JOEL VENTANIA: Sim, seu Silas. Depois de muito pensar se devia ou não fazer isso, acabei contando a você que fui torturado pelos policiais. Isso ocorreu um dia antes daquela confissão, quando fui preso em Ouro do Mar.

JUIZ: O senhor poderia por gentileza narrar a todos os presentes como foram essas torturas? E ainda, se você sabe o motivo de eles terem sido realizadas?

JOEL VENTANIA: É... foram uns três caras, mas nunca eles estavam juntos. Sempre um vinha, aí eu acho que cansava, e vinha outro, e assim foi indo. Até que eu concordasse em falar que eu tinha assassinado o menino. Que eu tinha raptado ele, depois que matei ele por asfixia né, deixei ele sem ar, e por fim que cortei o corpo do garoto. Eles queriam até que eu falasse que eu matei porque queria fazer um ritual, mas isso pra mim foi demais. Atrair a minha religião com isso é uma ofensa tão grande que eu ia pagar em toda reencarnação que eu voltasse. As torturas eram variadas, sabe, cada momento era uma coisa. Me davam choque nos dedos dos pés e das mãos, me davam socos, pontapés, coronhadas. E eu sentado, né. E mesmo eu pedindo pra parar, eles não paravam. Pelo contrário, parecia que isso dava mais raiva pra eles. E também eles me afogavam em baldes. Era horrível. Eu quase achei que ia morrer.

PROMOTOR/POLICIAL: Protesto, meritíssimo! O réu está inventando coisas! É óbvio que isso não aconteceu. Todos assistiram à confissão do mesmo e a precisão de detalhes envolvendo o rapto e a morte do menino são impressionantes! O tribunal não pode permitir que tais calúnias sejam proferidas contra a instituição da polícia militar.

JUIZ: Não concedido. Então as torturas aconteceram para que você confessasse o crime. Eles então te passaram uma versão que eles criaram para explicar tudo o que tinha acontecido?

JOEL VENTANIA: Sim. Eles me falaram tudo o que tinha acontecido, dos cortes, quais palavras eu tinha que usar, detalhes sobre o tempo do que aconteceu, tudo. Eles queriam que eu decorasse todas as informações. Algumas coisas eu esqueci, confesso, minha mente não é das melhores. Mas a minha confissão naquele dia pros jornalistas foi baseada no que me mandaram dizer. Eu fiz isso tudo porque falaram que iam matar minha mãe. Que iam fazer aquelas mesmas atrocidades com ela, até pior. E eu não podia, não podia seu juiz, deixar minha mãe se tornar uma vítima daqueles homens. Não podia. Quem ia proteger ela? O Estado? O Estado só nos abandona. Só nos deixa de lado. Ninguém podia estar lá protegendo ela, eu não tinha segurança nenhuma pra confiar que nada aconteceria. Confessei uma mentira.

JUIZ: As acusações feitas pelo réu são muito graves e exigem uma investigação para apurar tais fatos. Bom, antes de decidir o que farei, gostaria de ouvir o promotor do caso.

Vários burburinhos podem ser ouvidos, vindos do público que acompanha a tensa sessão.

JUIZ: Silêncio por favor. Dando seguimento à sessão, convoco agora uma testemunha para ouvirmos um depoimento...

Confusão. A porta da sala do tribunal se abre. Salette Ferreira está com as roupas manchadas de sangue e com uma faca em suas mãos. O público presente se espanta com a cena, deixando todos calados.

JUIZ: Mas o que está acontecendo? Esta não é a mãe do menino? Senhora, mas o que houve? O que está fazendo aqui? Me desculpe, mas você está atrapalhando a audiência. Largue esta faca, por gentileza.

Salette permanece imóvel, como se tomasse fôlego para falar. Ela deixa a faca cair no chão. Longa pausa.

SALETTE: Está tudo errado, senhor juiz. Está tudo errado. Tudo isso foi uma grande mentira. Uma grande farsa.

JUIZ: Não estou entendendo. O que a senhora está querendo nos dizer?

SALETTE: Esse não é o assassino do meu filho.

PROMOTOR/POLICIAL: O que esta louca está dizendo? Como pode a própria mãe do menino refutar as provas, os testemunhos?

JUIZ: Por favor, deixem a senhora falar. Algo muito grave parece ter acontecido. Alguém machucou a senhora? Por que tanto sangue?

PROMOTOR/POLICIAL: Onde está o Demerval numa hora dessas? Alguém tem que conter essa louca!

Salette avança para perto do Promotor/Policial, como se fosse batê-lo, mas é contida por um dos policiais.

SALETTE: Não pronuncie o nome desse homem na minha frente! Nunca mais! Vocês são da mesma corja. Uma corja assassina. Uma gangue de homens que fazem o mal e se escondem atrás de deus. Que deus? O deus de vocês deve ter é nojo de tudo o que vocês falam em seu nome. Eu descobri tudo, senhor juiz. Eu não queria ligar os pontos, as coincidências. Mas eu acordei, eu não sou louca. Nunca fui louca e estou muito longe disso. Eu nunca mais vou deixar ninguém, nenhum homem, me dizer o que eu devo pensar e fazer. Vocês criaram isso tudo. Vocês mataram o meu filho. Demerval Ferreira Neto matou o meu filho! Ele teve a coragem de matar o próprio sobrinho por dinheiro! Por ganância! Por poder!

Comoção geral. O público presente fica bastante abalado com a revelação. Joel Ventania levanta-se de sua cadeira.

JUIZ: Vocês quem, senhora? A quem está se referindo?

SALETTE: Eu descobri tudo. Achei uma bíblia naquele mato cheio. A bíblia do Demerval. O idiota ainda fez a burrice de deixar uma prova no local do crime que todo mundo ignorou. Eu fiz ele confessar na minha frente, eu fiz! Ele não teve pra onde fugir. A polícia, esses aí, estão todos ligados com isso. Seus ratos! Me calem, tentem me calar agora!

O promotor/policial avança para tentar agredir Salette Ferreira, mas Dona Carla surge e põe-se na frente dela.

DONA CARLA: Pois você chegue pra lá, pare agora, nem pense em fazer isso. Ninguém vai tocar num único fio de cabelo dessa mulher. Dessa mãe. Você tenha vergonha nessa sua cara!

PROMOTOR/POLICIAL: Já passou da hora da senhora ser colocada em seu devido lugar. Senhor Juiz, faça alguma coisa!

DONA CARLA: Pois vão ter que passar por cima de mim!

JOEL VENTANIA: Foi ele, seu Juiz. Foi este homem quem quase me matou para que eu confessasse tudo.

PROMOTOR/POLICIAL: Além de bruxo este homem é louco?

SALETTE: O Demerval tentou matar essa mulher, a mãe de Joel Ventania. Eu segui ele e os fiéis da igreja. Parecia um verdadeiro caça às bruxas. Ele tava sem saída, pra onde ele ia fugir se eu abrisse minha boca e mostrasse o que encontrei? Tá aqui ó, a prova do crime. Esse homem, Joel Ventania, é um homem inocente.

Salette Ferreira pega a pequena bíblia de Demerval encharcada de sangue do bolso e a joga ao chão, na frente do juiz.

JUIZ: O senhor Demerval Neto? Mas como... Sinceramente, não posso acreditar no que estamos ouvindo.

SALETTE: Mas acredite, ou melhor, acreditem todos vocês! Ele bem que tentou me matar. Mas eu tive coragem. Eu me defendi. Eu não podia acabar igual meu filho. Quem ia lutar por ele? O pai dele? Eu nem sei onde o Josué está agora. Ele não aparece em casa há mais de dias. Sumiram com ele, ou talvez ele tenha descoberto tudo também.

JUIZ: O próprio tio do menino.. Deus nos perdoe. Como uma pessoa pode criar um espetáculo desses em nome de seu deus, de matar um menino para colocar a culpa em outros?

JOEL VENTANIA: É culpa do racismo, do poder, da ganância, senhor. Associam nossa pele, nossa religião, nosso terreiro, a tudo de ruim, ao crime, à violência. Como

se nós fôssemos qualquer outra coisa, menos pessoas. Até onde vamos? A sociedade nunca muda, nunca vai pra frente. O sangue que corre em mim é o mesmo que corre em todos. É o mesmo sangue, a mesma cor vermelha escura. O verdadeiro monstro estava bem debaixo de seus olhos, era uma das pessoas mais conhecidas em toda Ouro do Mar. E vocês preferiram acreditar que eu, eu, era um assassino. Porquê? Ora, pois sou um homem negro. Porque jogo búzios. Porque sou filho de lansã. Porque existo!

PROMOTOR/POLICIAL: Ninguém pode provar essas bobagens. Onde está o Demerval, sua monstra?

SALETTE: Lutando pela vida. Ou talvez agora já esteja morto.

O caos se instala novamente. Gritos e tentativas de agressão. Dona Carla continua a proteger Salette, ao mesmo tempo em que o Juiz ordena que seus policiais retirem a população presente de dentro do tribunal. O Juiz retira-se e ordena que levem Joel Ventania de volta à prisão. Assim que o caos é controlado por ora, as portas do tribunal são fechadas. Dona Carla e Salette Ferreira esperam juntas na sala vazia.

SALETTE: Meu filho! O meu filho foi vítima de tudo isso, de toda essa família maldita, dessa cidade branca, devoradora de gente. Eu fiz isso tudo para vingar você, meu Pedro. O meu filho, o meu menino.

DONA CARLA: Olhe mulher, eu vou só te dizer uma coisa: vou fazer de tudo pra te tirar daqui de dentro. E se tu for presa, também vou. Vou estar aqui todos os dias, até o último. E vou te visitar. O que tu fez hoje foi a coisa mais corajosa que eu já vi alguém fazer, e isso que já conheci gente muito corajosa.

SALETTE: Eu tive que fazer isso, dona Carla. Não podia deixar que a morte do meu filho fosse resolvida de forma tão manipuladora e mentirosa. Espero que isso tenha ajudado de certa forma o seu filho. Eu não me arrependo do que fiz. Foi legítima defesa. Aquele monstro ia me matar.

DONA CARLA: Mas tu tá viva e vai ficar viva. Nós vamos. Olhe, eu tava certa que ia perder meu filho de uma vez por todas hoje. Mas talvez a partir disso tudo haja uma esperança, nem que seja um pouquinho só. Escute, eu tenho um doce de leite aqui na minha bolsa, ia dar pro Joel mas nem tive tempo. Tu deve tá é com fome né? Coma isso, vá.

As duas mulheres comem sem pressa o doce de leite feito por Dona Carla e ficam esperando juntas em silêncio. A espera é longa, mas ao menos elas estão juntas. Blackout.

CENA 7

Burburinhos. A atenção se volta para Joel Ventania, que está em pé em cima de uma cadeira. Ele começa a falar com as pessoas da cidade, que estão reunidas na tradicional feirinha de domingo de manhã.

JOEL VENTANIA: Eu gostaria da sua atenção por um instante. Sei que alguns nem devem me conhecer, já outros reconhecem meu rosto dos jornais. Mas eu sou Joel. Joel Ventania. O Ventania é por causa da minha religião. Aí o apelido acabou pegando né, hoje todo mundo na minha volta me chama assim. Mas vocês fiquem livres pra me chamar do que quiserem. Não tem problema não. A minha banca é aquela dali, tá bem? É o nosso cantinho aqui de todo domingo. A gente joga búzios, doa palavras, ajuda da forma que for possível. É pra todo mundo, sem distinção. Tá precisando consultar? Pode vir. Não precisa ter medo. O medo é uma coisa ruim que fica se apossando da gente. Ele nos domina, nos afasta do mundo, acorrenta nossas querências. E na maioria das vezes a gente nem entende o porquê. Mas eu convido você a conhecer nosso trabalho, a trocar um dedinho de prosa com a gente. A minha mãe é aquela senhora ali ó. Ó, e eu sei que muitos de vocês acompanharam o que aconteceu com a gente, com a cidade, nos últimos dias. O ebó? Não precisa olhar feio, nem mudar de rua, nem chutar. Ebó é limpeza, é proteção, é pra tentar livrar os males. No fim das contas, a gente mais se protege com um ebó do que sem ele. Eu queria só dizer que eu escolhi essa cidade pra morar, pra cuidar da minha mãe que já

tem idade avançada, né mãe? E pra ser feliz. É, pra viver com dignidade. Com comida na mesa. Com o máximo de paz e felicidade que a gente conseguir. Não só pra gente, mas pra todo mundo, pra toda gente, seja quem for. E se continua de pé, mesmo com pedra, pau, choque e sal. Apesar de tudo, eu ainda acredito nessa cidade. Eu ainda acredito nas pessoas. Embora tentem nos separar e nos colocar em diferentes lados a todo momento. Como se diferença fosse algo ruim, né? É com diferença que a gente cresce, que a gente constrói junto um futuro melhor pra essas crianças todas. Acredito em especial no respeito e na liberdade! Eu sou um homem negro. A minha pele, o meu rosto, o meu cabelo, tudo isso me faz ser quem sou, mas não somente. A minha, a nossa vida, só diz respeito a nós mesmos. E temos tanto a fazer, a construir, a abraçar, a dançar. Cada pedaço dessa minha pele é memória. Memória de um passado-presente de muita violência, de muita dor. Mas também de muita luta, força, união e celebração. Você sabe o que é sonhar todo dia como um grande barco que não chega em lugar nenhum? Um barco que fica à deriva, à espera, à solta. Cada pedaço do nosso terreiro é memória. Dos nossos ancestrais, de outras formas de acreditar no mundo. Seja no seu deus, seja no meu orixá, seja em qualquer outra coisa, a gente acredita pela esperança. Pela ajuda. Pela vida ser um pouco menos difícil, apesar das pelejas de cada dia. E se continua de pé, mesmo com pedra, pau, choque e sal. Apesar de tudo, eu ainda acredito.

FIM

Recebido: 09/06/2024

Aceito: 12/06/2024